

# O FIO DA ESPADA: FICÇÃO NO FOTAJORNALISMO

## *The edge of the sword: fiction in photojournalism*

Maria Luisa Hoffmann\*  
Julio Cezar Pereira Peres\*\*

### RESUMO

Neste artigo, objetiva-se analisar, a partir da fotografia *Touché*, de autoria do fotojornalista Wilton de Sousa Junior – publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 21 de agosto de 2011 –, o uso da ficção no fotojornalismo – entendida aqui como representação construída a partir de algo que não aconteceu nos limites do factual – e a relação de gênero fotojornalístico que a imagem estabelece quando em contato com o material escrito que a acompanha. Como metodologia, utiliza-se o estudo de caso junto com as técnicas de entrevista e pesquisa bibliográfica, com os aportes teóricos de Kossoy (2009), Barthes (2009), Guran (1999), Sousa (2004), entre outros.

**Palavras-chave:** Fotojornalismo. Ficção documental. *O Estado de S. Paulo*. Wilton de Sousa Junior.

### ABSTRACT

In this article, the objective is to analyze the use of fiction in photojournalism, through *Touché* photography, produced by the photojournalist Wilton de Sousa Junior – published in the newspaper *O Estado de S. Paulo* on August 21, 2011 and the representation constructed from something that did not happen within the limits of the factual – and the relationship of the photojournalistic genre that the image establishes when in contact with the written material that

\* Jornalista. Mestra pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutora pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). *E-mail*: <marialuisa@unoeste.br>.

\*\* Mestrando em Comunicação Visual pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Fotografia e Mestrando em Comunicação Visual pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). *E-mail*: <julio.cezar.peres@hotmail.com>.

Revisão: Dr. Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior

Revisão técnica: Dra. Fabiana Aline Alves

Data de submissão: 13.4.2018

Data de aceite: 14.10.2018

accompanies it. The methodology is based on the case study with techniques such as interview and bibliographic research, based on theoretical concepts of first and second realities developed by Kossoy (2009), contributions of Barthes (2009), Guran (1999), Sousa (2004), among others.

**Keywords:** Photojournalism. Documentary fiction. *O Estado de S. Paulo*. Wilton de Sousa Junior.

## 1 Introdução

Os principais prêmios de jornalismo do mundo trazem a fotografia como categoria concorrente. O Prêmio Pulitzer<sup>1</sup>, por exemplo, até 1967, premiava fotografias jornalísticas apenas em uma categoria. A partir de 1968, essa categoria foi subdividida em dois gêneros: *Feature Photography* e *Spot News Photography*. Esse, por sua vez, passou a se chamar *Breaking News Photography*, a partir de 2000. Para Sousa (2004), as *Spot News/Breaking News* são “fotografias ‘únicas’ de acontecimentos ‘duros’, frequentemente imprevistos”, e as *Feature Photos* são imagens fotográficas que encontram grande parte do seu sentido em si, reduzindo o texto complementar a informações básicas (quando aconteceu, onde aconteceu, etc.).

Enfim, tais categorias têm como características principais expressar imagetivamente o que aconteceu em determinado momento. Mas, comumente, imagens do fotojornalismo não apresentam somente informações sobre os fatos que retratam. As possibilidades semânticas geradas a partir da construção da imagem e de sua relação com o texto podem gerar ficções, e é sobre elas que este artigo se debruça.

Toma-se como objeto a fotografia *Touché*<sup>2</sup> (Figura 1) – publicada na página A-7 do jornal *O Estado de S. Paulo*<sup>3</sup>, do dia 21 de agosto de 2011 – de autoria do fotojornalista carioca Wilton de Sousa Junior, e seu contexto. A escolha da imagem se deu em vista do reconhecimento que teve ao conquistar importantes premiações na área de fotojornalismo, como o “Prêmio Internacional de Jornalismo Rei da Espanha de Fotografia”, o “Prêmio Esso de Jornalismo”<sup>4</sup>, ambos em 2012 e o Prêmio Imprensa

<sup>1</sup> O “Prêmio Pulitzer”, administrado pela Universidade de Columbia (EUA), é outorgado, desde 1917, a pessoas que realizam trabalhos de excelência na área da informação.

<sup>2</sup> Segundo o Comitê Olímpico Brasileiro, a palavra francesa “Touché!” era usada pelos esgrimistas na época em que não havia sensores eletrônicos para identificar os golpes. Disponível em: <<http://timebrasil.cob.org.br/esportes/esgrima>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

<sup>3</sup> *O Estado de S. Paulo* é, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ), o quarto jornal com maior circulação paga do país. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

<sup>4</sup> O Prêmio Esso de Jornalismo é o mais prestigiado prêmio da área no Brasil. Foi criado em 1955 com o título de “Prêmio Esso de Reportagem”. A categoria de fotografia foi incluída a partir de 1960. Para

Embratel em 2015. Na imagem, a então Presidente da República em exercício, Dilma Rousseff, parece ser transpassada pela espada de um militar. A fotografia levantou uma série de debates<sup>5</sup> por parte dos leitores, principalmente acerca dos limites da ética no fotojornalismo. Na publicação, não havia nenhum indicativo de que a imagem, embora fosse uma captura do real, era apenas uma ilusão de ótica, uma ficção, como se discute adiante.

Pretende-se, neste trabalho, compreender a possibilidade do uso de fotografias de ficção no fotojornalismo. Para tanto, averigua-se, primeiramente, em qual gênero fotojornalístico a imagem selecionada se enquadra, e quais são os critérios utilizados para classificar uma fotografia nas possíveis categorias. Como metodologia, utiliza-se o estudo de caso junto com as técnicas de pesquisa bibliográfica e entrevista com o autor da imagem em questão, umas delas realizada por *e-mail*, e as demais coletadas em *blogs* e revistas especializadas.

**Figura 1** – *Fotografia Touché!*



Fotógrafo: Wilton de Sousa Junior

Fonte: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/foto-de-dilma-transpassada-por-espada-vence-premio-internacional.html>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

---

Mauad (2008), o surgimento de tal categoria foi de fundamental importância para o reconhecimento dos fotojornalistas.

<sup>5</sup> A polêmica que girou em torno da imagem foi citada no Radar Político – página que trata de bastidores da política no *blog* do Estadão. Abaixo da matéria que fala sobre as polêmicas podem ser observados alguns comentários. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2011/08/23/estadao-desmente-foto-montada/>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

## 2 Desenvolvimento: nas lâminas da ficção, em busca de conceitos

Na fotografia de ficção, segundo Expósito (2004, s. p.), “a sua inevitável condição ficcional se une à capacidade documental da imagem fotográfica, forçando os limites que consideramos como real e pondo em questão nossos mecanismos habituais de reconhecimento da realidade”. No fotojornalismo, a ficção é utilizada geralmente na área *fotografia de ilustração*, embora, segundo Sousa (2004, p. 100), há profissionais que não considerem o gênero como fotojornalístico.

Baeza (2001, p. 129) acredita que a fotografia ilustrativa, embora tenha seu uso cada vez maior na imprensa, permanece como uma categoria fotojornalística indefinida. Para o autor essa categoria de imagem é utilizada para o fim estritamente de ilustração, que ajuda na compreensão de um texto com base no conteúdo conceitual ou específico – conteúdo esse definido antes da tomada da imagem. Baeza (2001) acrescenta, ainda, que a fotografia de ilustração é concebida, por vezes, com o intuito de adquirir um caráter de espetáculo poético ou simbólico.

Sousa (2004, p. 100), ao considerar o fotojornalismo no sentido *lato*, diz ser sua opinião que “as ilustrações fotográficas (também chamadas fotografias ilustrativas ou *photo illustrations*) podem se integrar nos gêneros fotojornalísticos”. O autor ainda explica que essas ilustrações imagéticas “podem ser fotografias únicas ou fotomontagens, quer nestas se usem unicamente fotografias, quer se combinem outras imagens com fotografias”.

O debate acerca da credibilidade das fotografias ilustrativas reside no fato de as mesmas serem utilizadas fora de contexto, ou seja, ilustrarem uma matéria mesmo tendo sido produzida em outro momento e circunstância. Segundo Baeza (2001), a fotografia jornalística orienta-se por valores de atualidade e de relevância social e política, buscando informar. Já a fotoilustração busca uma melhor compreensão de um objeto, de um fato, de um conceito, interpretando, visualmente, alguns de seus traços essenciais. Esse tipo de registro busca amplificar a compreensão de uma ideia por meio de atributos e procedimentos da simbolização. Trata-se, portanto, de um tipo de fotografia que se distancia da ideia de recorte do real para trabalhar com a criação de realidades próprias, ou seja, ficções. Por se tratar de uma construção, é opinativa, expressa juízos de valor.

Kossoy indica que o registro fotográfico apresenta duas realidades ao observador: a primeira realidade diz respeito ao fato no momento em que a fotografia foi captada. Ou, em suas palavras,

a primeira realidade é a realidade do assunto em si na dimensão da vida passada; diz respeito à história particular do assunto independentemente da representação, posto que anterior e posterior a ela, como também, ao contexto deste assunto no momento do ato do registro. (2009, p. 36).

Já a segunda realidade diz respeito ao registro fotográfico, que

é a realidade do assunto representado, contido nos limites bidimensionais da imagem fotográfica, não importando qual seja o sistema no qual esta imagem se encontre gravada. O assunto representado é, pois, este fato definitivo que ocorre na dimensão da imagem fotográfica, imutável documento visual da aparência do assunto selecionado no espaço e no tempo (durante sua primeira realidade). (KOSSOY, 2009, p. 37).

Para Kossoy (2007, p. 157-158) o documento fotográfico não pode ser compreendido independentemente de seu processo de construção. “É este mundo do documento fotográfico (segunda realidade, perene, eterna) que se confunde em nossas mentes com o fato passado (primeira realidade, isto é, o fato irreversível, volátil, efêmero).” Por meio da segunda realidade, da representação, busca-se desvendar a primeira realidade, a do tempo da criação.

Uma única fotografia e dois tempos: o tempo da criação, o da primeira realidade, instante único da tomada do registro no passado, num determinado lugar e época, quando ocorre a gênese da fotografia; e o tempo da representação, o da segunda realidade, onde o elo imagético, codificado formal e culturalmente, persiste em sua trajetória na longa duração. (KOSSOY, 2007, p. 133).

Por trabalhar com uma fotografia fictícia publicada em jornal e deslocada espaçotemporalmente, julga-se prudente tal embasamento para guiar as proposições teóricas, já que, na construção fictícia, a segunda realidade é sempre um processo de construção planejado, com o objetivo de lhe dar um efeito que não existiu, de fato, nos limites do momento do ato fotográfico – primeira realidade.

### 3 Afiando a espada: procedimentos metodológicos

O artigo está dividido em duas etapas, já que, como destaca Sousa (2004), a identificação de um gênero fotojornalístico passa, por vezes, pela intenção jornalística e pelo contexto de inserção da(s) foto(s) numa peça. No primeiro momento, foi mapeada a primeira *realidade* da fotografia com o intuito de conhecer o contexto no qual a imagem foi captada e a intenção do autor, assim como os mecanismos que utilizou para sua produção. Tal procedimento foi realizado através de entrevista com Wilton de Sousa Junior, mediada por *e-mail*, de análise de dados técnicos da captura da imagem e da coleta de material em revista especializada, bem como em uma entrevista concedida para um *blog* de conteúdo fotojornalístico. Na segunda etapa, discute-se o contexto no qual a fotografia foi inserida, a partir dos elementos textuais – segunda realidade.

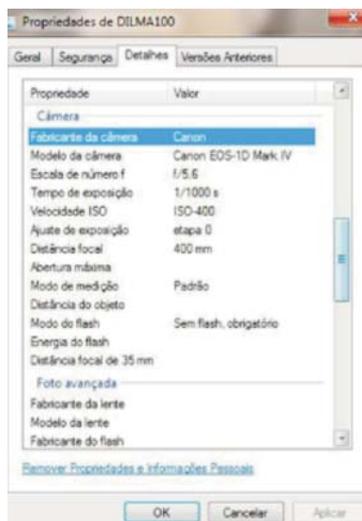
### 4 Primeiro golpe: por trás da cena captada

De acordo com o *file info*<sup>6</sup> (Figura 2) da fotografia, enviado pelo autor, o registro foi feito utilizando-se uma objetiva com distância focal de 400mm. Por se tratar de uma teleobjetiva, que tende a aproximar os planos, o espadim parece mais próximo da personagem do que realmente estava na cena em questão. Tal fato pode ser compreendido ao observamos que

a tele tende a aproximar os planos uns dos outros, achatando tudo, mas destaca com muita clareza o plano que estiver focado, diluindo completamente os demais planos (foco seletivo). E, por encher bem o quadro, é muito útil na valorização de detalhes significativos. (GURAN, 1999, p. 47).

<sup>6</sup> *File info* é um quadro que fornece informações técnicas sobre um arquivo digital, tradicionalmente incorporado ao arquivo em que a imagem foi salva.

**Figura 2** – File info da fotografia enviada pelo autor



Fonte: Captura de tela.

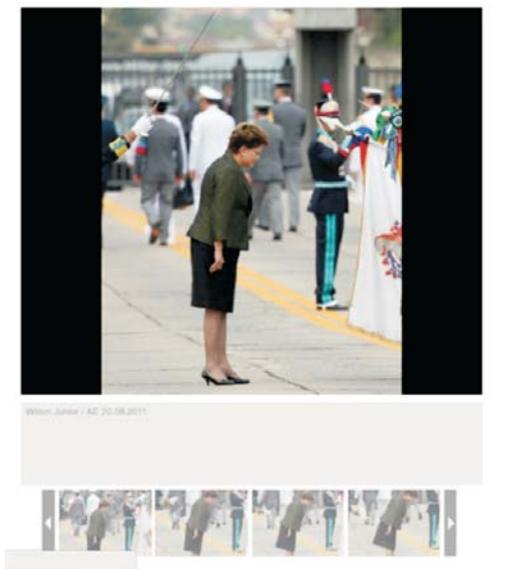
Outro fator importante, destacado por Guran (1999, p. 47) com relação à teleobjetiva é que essa também influencia na profundidade de campo, destacando o primeiro plano e desfocando o segundo, mesmo que o diafragma esteja bem-fechado. Na fotografia em estudo, mesmo com o diafragma tendo abertura  $f./5.6$ , pode-se observar tal fenômeno.

O *file info* ainda revela que a fotografia foi gerada a partir de um *click* com o obturador em velocidade  $1/1.000s$ . A velocidade de obturação<sup>7</sup> “é o que nos permite parar ou não um corpo em movimento”. (GURAN, 1999, p. 41). No caso estudado, tal velocidade indica que o operador da câmera pretendia congelar uma cena em que havia movimento rápido, o que é possível constatar também quando se observa, no *blog* Radar Político (Figura 3), de *O Estado de S. Paulo*, a sequência de fotos que originou a publicada. Para conseguir tal sequência, o fotógrafo utilizou-se do recurso de disparo contínuo, como afirmou em entrevista por *e-mail*. Esse recurso permite que o autor, ao segurar o botão de disparo, registre alguns frames por segundo.

No equipamento utilizado, uma câmera digital da marca *Canon*, modelo EOS-1D Mark IV, é possível, segundo o *site* do fabricante, registrar até 10 frames por segundo, o que justifica a precisão em se ter seis frames seguidos do momento em que o militar conduzia sua espada, provocando ilusão de ótica captada pelo fotógrafo.

<sup>7</sup> Guran (1999) destaca que a possibilidade de utilização de uma maior velocidade de obturação, aliada ao surgimento de filmes com oxidação mais rápida, marcou o surgimento do fotojornalismo moderno, por possibilitar que o personagem pudesse ser fotografado sem perceber.

**Figura 3** – Sequência de fotos publicada no blog Radar Político



Fonte: <http://politica.estadao.com.br/blogs/radar-politico/estadao-desmente-foto-montada/>.  
Acesso em: 20 ago. 2013.

Guran chama a atenção também à importância do *momento* na fotografia. Segundo o autor, “o ato de liberar o obturador da câmera é sempre a escolha de um determinado momento e é a principal escolha do fotógrafo”. (1999, p. 51). Ele acrescenta que o motor *drive* – tecnologia utilizada na câmera fotográfica analógica que permite o disparo contínuo – permite ao fotógrafo, “operando chapa a chapa, não perder coisa alguma que se passa”. (1999, p. 53).

Em entrevista concedida ao blog *Eu sou fotógrafo*, publicada em 1º de março de 2013, Wilton de Souza Junior contou como se posicionou para conseguir tal captura:

Eu já fui militar e conheço esses movimentos. Conheço como os militares fazem durante uma cerimônia e o oficial no seu movimento de apresentar armas ele executa esse movimento com a espada. Eu conhecia e me antecipei a isso para poder fazer essa fotografia. (SOUSA JUNIOR, 2013a).

No evento, ocorrido em 20 de agosto de 2011, a Presidente da República, Dilma Rousseff, participava da cerimônia de entrega de espadins aos cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), que acontecia no pátio da instituição, situada em Resende (RJ). Durante a cerimônia, os

cadetes participantes receberam espadins, que são miniaturas da espada do patrono do Exército Brasileiro, Luís Alves de Lima e Silva – Duque de Caxias – tidas como símbolo de honra militar.

No momento da captura fotográfica, a governanta cumprimentava os militares durante o rito de revista às tropas. Ela estava acompanhada pelo comandante da Guarda de Honra, que, em tal ocasião, acompanha a autoridade superior, guardando sua retaguarda. No momento em que a autoridade reverencia a tropa com o movimento de inclinar o corpo para frente, o comandante realiza o movimento “apresentar arma”, deslocando a espada – que estava no comando “ombro-arma” – em sentido diagonal, do alto da cabeça até a direção inferior direita.

Sabendo que a movimentação seria realizada, o fotógrafo se antecipou para registrar a imagem que já havia arquitetado mental e ideologicamente. “A Presidente está com problemas políticos em sua própria base, e a foto dá bem essa dimensão, já que a mostra sendo atacada por trás. Já fui para Aman pensando em que tipo de foto poderia retratar essa questão.” (Sousa Junior, 2011, p. 17).

Quando constrói a representação, o autor impõe sua intencionalidade, direcionada de acordo com a finalidade para a qual é produzida, e é nessa destinação “que se encontrará um rico veio para a compreensão da estética fotográfica nos diferentes períodos de sua história. [...] Estética e ideologia são componentes fluídos e indivisíveis, implícitos na representação fotográfica”. (Kossoy, 2012, p. 144-145).

Tendo à disposição recursos e conhecendo os códigos de composição fotográficos, o autor, muitas vezes, fala ao receptor através de metáforas, tradução de ideias, que concretizam seu imaginário e transparecem sua ideologia.

Através da fotografia aprendemos, recordamos, e sempre criamos novas realidades. Imagens técnicas e imagens mentais interagem entre si e fluem ininterruptamente num fascinante processo de criação/construção de realidade – e de ficções. São essas as viagens da mente: nossos “filmes” individuais, nossos sonhos, nossos segredos. Tal é a dinâmica fascinante da fotografia, que as pessoas, em geral, julgam estáticas. (Kossoy, 2007, p. 147).

## 5 Segundo golpe: desmontagem do contexto em que a fotografia foi inserida

A fotografia estudada foi publicada originalmente na página A-7 do jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 21 de agosto de 2011 (Figura 4). De acordo com Barthes,

por a fotografia e a parte textual que a acompanha serem duas unidades heterogêneas, ao traçarmos uma análise entre as duas, devemos incidir primeiramente sobre cada uma das estruturas e só quando estas estiverem se esgotado, poderemos compreender como elas se completam entre si. (2009, p. 12).

Guran (1999, p. 63) diz que “a fotografia aparece na imprensa em três situações: como ilustração, como informação principal em relação ao texto, ou como complemento deste”. Já Lima (1988, p. 31) acrescenta que na imprensa, a relação da fotografia com a escrita se dá em três níveis, que, por sua vez, se inter-relacionam: 1) Fotografia-legenda; 2) Fotografia-manchete; e 3) Fotografia-texto. Sabendo que a fotografia em questão apresenta, na página onde foi publicada, relação com as três unidades referidas por Lima (1988) e que dessas, uma não se inter-relaciona com as demais, analisa-se cada uma separadamente e, posteriormente, o modo como a fotografia é utilizada, segundo Guran (1999).

Na composição da página, a imagem aparece sujeita ao título “Desconfiado de Dilma, PMDB faz planos para 2014” e ao texto da matéria que acompanha. De acordo com Lima (1988, p. 34), “o título do assunto apadrinha o conjunto formado pelo texto escrito ao lado da fotografia acompanhada da sua legenda”. Nessa composição, a legenda, por ser um texto-legenda, se enquadra em outra categoria de análise, por ser uma unidade distinta do texto principal e tratar de outra temática. *O Manual de redação e estilo do jornal O Estado de S. Paulo* (MARTINS FILHO, 1997, p. 281) diz sobre o texto-legenda: “como é ao mesmo tempo uma notícia e uma legenda, deve, por isso, descrever a fotografia e relatar o fato em linguagem direta e objetiva”.

Figura 4 – Página na qual a fotografia foi publicada



Fonte: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20110821-43041-nac-7-pol-a7-not>. Acesso em: 17 ago. 2013.

Deve-se considerar que a fotografia que trata de assuntos políticos tem suas particularidades na transmissão de conteúdos, como enfatizou o autor em entrevista publicada na revista *Photo Magazine*, na época da divulgação da imagem. “Sempre que saio para um evento político, busco uma foto que possa retratar o momento. Nem sempre é possível transmitir uma informação desse tipo numa imagem, mas às vezes acontece.” (SOUSA JUNIOR, 2011, p. 17).

Quando se trata de pautas de assuntos políticos, identifica-se que há certa relação de representação entre o chefe de cada instância do governo e a autarquia que representa, ou seja, a Presidente, na ocasião, em que foi fotografada, não representava apenas a si própria, mas também o seu governo. É o que argumenta Lima (1988, p. 95), ao dizer que, “como a política é a ciência dos fenômenos do Estado, a fotografia é quase sempre a própria fotografia do político dentro de seus universos”. Ainda sobre esse assunto, sustenta Kossoy (2009, p. 55) que, “de uma forma geral – e, mais especificamente, em matérias políticas ou ideológicas –, a imagem que será aplicada em algum veículo de informação é sempre objeto de

algum ‘tratamento’ com o intuito de direcionar a leitura dos receptores”. Desse modo, o estudo aponta que a fotografia de política nem sempre é uma fotografia de fácil registro e transmissão.

Considerando o texto-legenda, lê-se: “Honras militares: Recebida com solenidade de gala, na Academia Militar das Agulhas Negras, a presidente Dilma Rousseff assistiu ontem à entrega de espadins a 441 cadetes que cursam o primeiro dos quatro anos da escola de formação de oficiais”, o que, de certo modo, vai ao encontro das normas contidas no *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo* (MARTINS FILHO, 1997, p. 159). No item 3 das instruções, o manual ensina que “as legendas, no Estado, devem, sempre que possível, cumprir duas funções, simultaneamente: descrever a foto [...] e dar uma informação ou opinião sobre o acontecimento” e ainda, no item 5, aconselha: “se a foto apresenta um deputado em cadeira de rodas, explique o motivo na notícia que acompanha a legenda” – no caso estudado, o próprio texto-legenda.

A legenda é o principal elo entre a fotografia e o leitor. Guran (1999, p. 63) lembra que, a legenda tem como função primordial “ativar no leitor todos os conhecimentos correlatos àquela cena mostrada”. Esse complemento deve dar suporte para que a fotografia seja interpretada corretamente, já que contém uma linguagem polissêmica, propiciando ao leitor uma leitura do sugestivo.

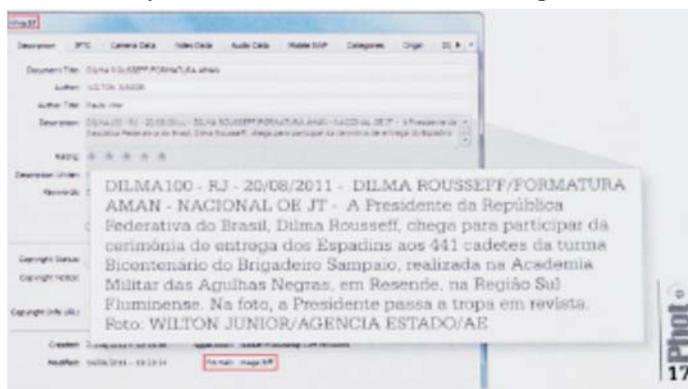
No caso abordado, o texto-legenda não traz uma ligação com a imagem que ilustra, embora essa seja um fragmento da realidade que aquela remete. Ora, no título da legenda da foto em que a Presidente da República parece estar sendo transpassada pela espada, está escrito “Honras Militares”, e, no decorrer do texto, fala de algo que não é possível ser visualizado, como a recepção de gala, nem a Presidente assistindo à solenidade de entrega de espadins. O que é sugerido na imagem é que a Presidente está sendo golpeada pela espada.

Na legenda que o fotógrafo submeteu juntamente à imagem, publicada na revista *Photo Magazine* (2011, p. 17), consta:

DILMA100 – RJ – 20/08/2011 – DILMA ROUSSEFF/FORMATURA AMAN – NACIONAL OE JT – A Presidente da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff, chega para participar da cerimônia de entrega dos Espadins aos 441 cadetes da turma Bicentenário do Brigadeiro Sampaio, realizada na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, na Região Sul Fluminense. Na foto, A presidente passa a tropa em revista. Foto: WILTON SOUZA JUNIOR/AGÊNCIA ESTADO/AE.

Pelo teor da legenda e considerando que o autor transmitiu todo material da cerimônia no mesmo dia, como ele mesmo informou por *e-mail*, e ao perceber que o *file info* (Figura 5) está em extensão *TIF*,<sup>8</sup> é possível supor que essa mesma legenda apadrinhou todo o conjunto de fotografias enviadas pelo autor, incluindo a publicada no *blog* Radar Político (Figura 3) e a publicada no jornal impresso (Figura 1). Acerca da edição da fotografia, o próprio fotógrafo esclarece na revista *Photo Magazine* que cortou parte da imagem.

**Figura 5** – File info publicada na revista Photo Magazine



Fonte: Sousa Junior (2011, p. 17).

Um fato que chama a atenção é que a fotografia que ilustrou a matéria sobre a visita da Presidente da República à Aman no jornal *Estado de S. Paulo* (Figura 6), publicada no dia em que o fato aconteceu,<sup>9</sup> é outra. Esse fato leva ao seguinte questionamento: Qual seria a pauta que o fotógrafo estaria cobrindo no momento da produção das imagens? Sousa Junior (2013b) foi enfático: “Na ocasião nós só estávamos cobrindo a cerimônia porque a Presidente da República estava presente, a cerimônia, no entanto, não era a notícia”. Isso dá subsídio para analisar o contexto gráfico-visual da página do jornal em que a imagem *Touché* foi veiculada.

<sup>8</sup> TIF (*Tag Image File Format*) é uma extensão de arquivo de imagem que possibilita o armazenamento e o envio de imagens junto com quaisquer informações. Esse tipo de arquivo possibilita o armazenamento de um grupo de imagens em um mesmo arquivo.

<sup>9</sup> A publicação da imagem que consta na Figura 6 se deu um dia antes da veiculação da imagem *Touché*, ou seja, no dia 20 de agosto de 2011.

**Figura 6 – Fotografia que acompanhou matéria sobre visita à Aman**



Fonte: < <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,dilma-participa-de-solenidade-em-escola-de-oficiais,761374> > .  
 Acesso em: 16 ago. 2013.

## 6 Considerações: o golpe final

A partir dos pontos abordados e ancorados nos referenciais teóricos, afirma-se que a fotografia estudada assume dois gêneros fotojornalísticos, a partir dos textos que a acompanham. Com relação ao título e texto da matéria, acredita-se que a fotografia ocupa a função de ilustração, já que não apresenta relação direta com ambos, sendo apenas uma representação subjetiva, mais interpretativa do que informativa.

Para Sousa (2004, p. 100), embora esse gênero tradicionalmente aborde temas de caráter descontraído como cozinha ou moda, podem servir também para ilustrar temas sérios. Segundo o autor, as fotografias de ilustração são a base para a foto-opinião e a foto-análise. O autor ainda acrescenta que todas as fotografias ilustrativas “são imagens fabricadas, planejadas, para gerar um determinado efeito”, e que esse tipo de registro não se configura como uma captura do real, sendo, ao contrário, produzido em estúdio e/ou posteriormente montado e manipulado para acompanhar as matérias jornalísticas. (2004, p. 100). No caso da página de *O Estado de S. Paulo*, segundo o fotógrafo, a imagem foi usada para ressaltar os problemas pelos quais a Presidente estava passando com sua base política.

O conteúdo do texto-legenda aponta para uma fotografia de notícia, que Sousa (2004) classifica em dois gêneros: *Spot News* e *General News*. Para o autor, *Spot News* são fotografias de acontecimentos imprevistos, que os fotojornalistas têm pouco tempo para planejar. Já *General News* são fotografias nas quais as pautas são comunicadas com antecedência, e o fotógrafo pode selecionar os equipamentos que carregará e pode planejar o tipo de foto que quer captar. Por ser uma cerimônia oficial, o fotógrafo já tem à sua disposição informações, como, por exemplo, a de que a Presidente da República estaria presente – assim, pode classificá-la como *General News*.

Considerando que a fotografia de notícia aparece como testemunha do texto que acompanha, e tendo a obrigação de ter ligação direta com ele, conclui-se que, na relação foto-texto-legenda há uma ficção documental, um *fenômeno* que ocorre quando o registro publicado perde sua ligação com a realidade na qual foi produzido. Esse novo contexto é imposto, principalmente, através dos elementos textuais, como ressalta Kossoy:

Obtém-se assim, por meio da composição imagem-texto, um conteúdo transferido de contexto: um novo documento é criado a partir do original visando gerar uma diferente compreensão dos fatos, os quais passam a ter uma nova trama, uma nova realidade, uma nova verdade. Mais uma ficção documental. (2009, p. 55).

Na fotografia estudada, a primeira e a segunda realidades apontam para contextos e entendimentos diferentes: na primeira, do momento do ato fotográfico, a Presidente da República estava apenas prestando reverência à Bandeira Nacional, assim como o militar que a acompanhava – cada um a seu modo. Já na segunda realidade, gerada a partir do documento fotográfico, a Presidente parece ser transpassada por uma espada. Não fica claro que a imagem foi tomada em uma cerimônia, muito menos o contexto de sua realização.

Ademais, a ocasião da fotografia não tem relação noticiosa com o texto e com a manchete no conjunto da página. Propõe uma interpretação – do transpasse pela espada – que não remete à primeira realidade: a da cerimônia. Já a segunda realidade, criada a partir da construção do autor, mantém relação com as unidades de texto supracitadas, de que a Presidente estaria sendo “traída”, ou melhor, golpeada por sua base aliada. Esse desencontro entre realidades, essa descontextualização, e a relação não testemunhal do fato com o elemento textual caracterizam a imagem como ficção documental.

O uso desse tipo de fotografia no fotojornalismo é um fenômeno que tem ganhado, cada vez mais, espaço e não é tão recente quanto parece. Se tomar como exemplo o “Prêmio Esso de Jornalismo”, é possível encontrar, logo no terceiro ano em que fotografias tiveram espaço no concurso, uma imagem premiada que apresentava características semelhantes à aqui abordada. Trata-se do registro “Qual o rumo?”, do fotógrafo gaúcho Erno Schneider, publicado no *Jornal do Brasil* em 1961.

Nesse sentido, outra fotografia mais recente de Dilma Rousseff também chama a atenção. Produzida por Dida Sampaio e capa de *O Estado de S. Paulo*, em 4 de maio de 2016, a imagem, tomada durante a cerimônia do acendimento da chama olímpica em Brasília, mostra o rosto da ex-Presidente por trás das chamas, como se estivesse pegando fogo. A fotografia está localizada logo abaixo da manchete: “Janot denuncia Lula na Lava-Jato e pede investigação contra Dilma”. Mais uma ficção na trama fotográfica (Kossoy, 2009), um registro político com caráter ilustrativo, construído a partir da realidade, mas que sugere algo diferente.

## Referências

BAEZA, Pepe. *Por una función crítica de la fotografía de prensa*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Edições 70, 2009.

EXPÓSITO, Alberto Martín. O tempo suspenso, fotografia e relato. *Stodium 16*, Campinas, Unicamp, 2004. Disponível em: <<http://www.stodium.iar.unicamp.br/16/5.html>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. 2. ed. Cotia: Ateliê, 2007.

\_\_\_\_\_. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. *Fotografia e história*. 4. ed. São Paulo: Ateliê, 2012.

LIMA, Ivan. *A fotografia é sua linguagem*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

MAUAD, Ana Maria. O Jânio que ficou na retina: foto premiada eternizou imagem do presidente com os pés trocados. *Revista de História*, 2008. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/o-janio-que-ficou-na-retina>> . Acesso em: 17 ago. 2013.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*. 3. ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

SOUSA, Jorge Pedro de. *Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas, à linguagem da fotografia na imprensa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUSA JUNIOR, Wilton de. Polêmica na ponta da espada: foto em que Dilma parece ser atingida por espadim recebe críticas, mas também elogios. *Photo Magazine*, Balneário Camboriú, ano 7, n. 40, p. 16-17, out./nov. 2011. Entrevista concedida a André Teixeira.

\_\_\_\_\_. EuSouFotografo conversa com Wilton Junior: entrevista. 1º mar. 2013a. *Eu Sou Fotógrafo*. Entrevista organizada por Andre Muzell. Disponível em: <<http://www.eusoufotografo.com/2013/03/eusoufotografo-conversa-com-wilton.html>> . Acesso em: 15 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida aos autores. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida em 19 ago. 2013b.